

Memórias compondo histórias

ANA PAULA DOS SANTOS – PPG-UEM

SANDRA DE CÁSSIA ARAUJO PELEGRINI ¹ - UEM

O presente texto busca abordar resultados parciais do projeto de pesquisa: Lago de memórias: A submersão das Sete Quedas, cujo objetivo principal é compreender a partir das memórias de antigos moradores da cidade de Guaíra, a percepção que esses sujeitos têm acerca da formação do reservatório de Itaipu em outubro de 1982. Como outros moradores da região atingida pela construção da hidrelétrica de Itaipu, os guairenses presenciaram e vivenciaram mudanças em seus modos de ser e de viver que alteraram profundamente a relação do grupo com o lugar. Assim é fundamental buscar através de depoimentos de homens e mulheres, recompor parte da história que não consta nos relatórios de Itaipu, mas que estão “guardadas” e impregnadas de sentidos nas lembranças dessas pessoas.

Antes, porém faz se necessário proceder a uma contextualização do período em que se deu a construção de Itaipu numa tentativa de compreender a década de 1970, período em que se firmou no Brasil, talvez mais do que qualquer outro período da história brasileira, a crença no progresso, no pleno desenvolvimento da sociedade, bem como, a necessidade de projetar e levar para a população ao otimismo e a esperança de um futuro promissor através de discursos ufanistas como o que afirmava um dos tantos *slogans* apresentados pelo governo militar “ninguém segura este país” ².

Na verdade escrever sobre esse período é pensar sobre um tempo onde diferentes portas vozes conclamavam apaixonantes e diversos discursos da modernidade. Pensar este momento é estar diante de um cenário que se fez alvo de diferentes “olhares”, os quais se detiveram para registrar a construção de uma nova nação ou um novo tempo, resta nos perguntar, que nação e que tempo foi esse? Muitos militares nos diriam convictos: “É o Brasil que os brasileiros estão construindo”, ou ainda, “o País que vai pra frente”.

Iniciado em abril de 1964, o golpe militar se fez presente na realidade brasileira não apenas como ideais e convicções, mas se apresentou, em ações concretas, que foram se efetivando ao longo dos dezoito anos de regime militar. Ao tomarem a força o poder político em 14 de abril daquele ano, os militares traziam consigo a idéia de que caberia a eles a tarefa de inaugurar um novo tempo na história do país, haja vista, que sob a ótica desses o Brasil estava diante de uma extrema decadência moral e material e diante disto a solução seria trilhar através de uma constante construção e transformação, associada à união do povo brasileiro, - *ordeiro e trabalhador*, o país do futuro.

Essa intenção expressou-se de diversas formas perpassando a repressão direta, propagandas que visavam dentre seus mais variados objetivos, motivarem os brasileiros para num esforço nacional, construir o desenvolvimento e o país do futuro, ou mesmo de maneira sutil propagandear os benefícios do governo militar, até a consolidação de grandes projetos que viriam a demonstrar mais do que qualquer outro ato, que realmente desta vez estaríamos construindo e percorrendo o caminho certo. “Grandes obras e grandes projetos” elevariam o país à categoria de nação moderna.

A hidrelétrica de Itaipu construída nesse período é um arquétipo desse tempo e desse momento. Pensada e construída para ser a maior e mais ousada hidrelétrica realizada em toda história humana, nenhuma outra obra se igualou a Itaipu. Para sua construção foi alterado o curso do sétimo rio do mundo em volume de água, e removido mais de 5 milhões de metros cúbicos de terra e rocha³. O volume de concreto empregado poderia erguer 210 estádios do Maracanã ou um conjunto habitacional para abrigar 4 milhões de pessoas. O ferro e o aço de Itaipu moldariam 880 Torres Eiffel. A altura da barragem principal é equivalente a de um prédio de 65 andares. Tudo isso enfim para edificar no extremo Oeste do Paraná a chamada Itaipu Binacional.⁴

Simbolizando a modernidade, o progresso e o desenvolvimento, a construção de Itaipu durante os anos de 1974 a 1982, representou a efetivação de ideais de um estado autoritário que via na razão técnica e científica a solução mais correta para colocar a nação brasileira no curso de um país moderno.

As falas que divulgavam Itaipu argumentavam sua construção seguindo sempre uma mesma lógica, uma linha que se configurava de forma a enaltecer através dos números exuberante a grandiosidade de Itaipu. “Cuidadosamente, ressaltavam apenas a capacidade de realização do povo brasileiro em direção ao progresso material da Pátria e da conquista da maior fonte de energia elétrica do globo”⁵, pois era necessário excluir outras falas e percepções a respeito do que representava Itaipu, como as da população que seria atingida pela formação do seu reservatório, visto que, se precisava construir a noção de obsolescência para outras razões que dificultassem, ou mesmo, viessem a tornar “impossível” a construção da obra naquela região.

Entretanto, a construção da Usina de Itaipu causou um impacto não apenas no espaço físico dos municípios envolvidos, mas na vida de seus moradores. Milhares de famílias, na maioria pequenos trabalhadores rurais, saíram de suas terras sem a certeza de reassentamentos, viram-se obrigados a migrar para novas terras ou, simplesmente, a abandonarem o meio rural, ingressando em novas atividades produtivas na cidade.

Referências antigas, presentes no modo de viver de moradores da região foram deixadas sob as águas lago de Itaipu. Assim como outros moradores da região que tiveram, efetivamente, suas vidas modificadas pela formação do reservatório de Itaipu, os moradores de Guaíra, também presenciaram o momento da transformação da natureza, de modos de viver. Efetivamente vivenciaram as mudanças que alteraram as relações do grupo com o lugar.

Estes espaços e experiências são importantes para compreender o significado do impacto de Itaipu para esses sujeitos. Nesta perspectiva, é fundamental ir além da “grandiosidade” de Itaipu para reencontrar este universo nestes espaços e maneiras de viver. É imprescindível adentrar esse turbilhão de mudanças, que veio destruindo os resquícios da experiência de tantas pessoas e optar por um outro olhar que se alicerce em apreender e tornar visível a história compreendida como as “experiências de mulheres e homens que mesmo sob determinadas condições”⁶ vivenciaram um espaço, construíram

sentidos e por vezes acreditaram na possibilidade de sua participação enquanto sujeitos de seu tempo.

Para isso, é tomado como princípio a compreensão de que a cidade consiste em um espaço repleto de significados onde há sempre muito dela em seus moradores e muito desses na cidade. É nesse espaço que homens e mulheres constroem suas expectativas, seus laços afetivos, e muitas vezes suas visões de mundo, significando e tornando a mesma num lugar de “sociabilidades”. Neste caminho, é fundamental ir buscar as percepções que os guairenses guardam acerca da construção de Itaipu, pois esses sujeitos também “carregam consigo” marcas profundas dessa experiência.

Recuperar a experiência dos moradores de Guaíra requer também buscar esses sujeitos históricos e tentar entendê-los a luz de sua própria experiência, ou seja, compreendê-los em sua “singularidade”. Essa perspectiva se apresenta como possibilidade para pensar o saber fazer a partir do conceito de experiência tal como foi proposto por Thompson⁷, e observar a memória associada a opções, ações e condições, que se referem a um conjunto de acontecimentos e a uma conjuntura própria.

Nesse sentido, é inegável a necessidade de uma investigação histórica que parta da valorização dos sujeitos, um estudo que os pense enquanto atuantes na história e que a partir do seu viver construíram identidades e valores próprios, enfrentando de variadas formas as “determinações” socioculturais, criando, interpretando e muitas vezes utilizando de maneira inesperada o que estava culturalmente estabelecido.

Suporte essencial para o encontrar-se dos sujeitos, a memória, enquanto elemento da cultura, é fundamental para definição dos laços da identidade de homens e mulheres. É através da memória que estabelecemos vínculos com o passado e recolhemos dessa época experiências profundas, instigantes e múltiplas, guardadas no mais íntimo do nosso ser.

Ao lidar com depoimentos de antigos moradores de Guaíra, visualiza – se a necessidade de pensar essas fontes no intuito de perceber a presença e atuação desses sujeitos no passado e presente, porque os relatos permeiam esses momentos e levam – nos às interpretações que fazem do vivido, ampliando assim as considerações a respeito da

memória, que sempre em movimento na dinâmica social vivida, vão se construindo nas redes de relações em que estão inseridas.

Nesta perspectiva, em nossa reconstrução é possível encontrar os sujeitos sociais não apenas como resultado de uma dada realidade ou estrutura, mas como pessoas que improvisam e forjam saídas, ora subordinando, ora resistindo, fazendo com que sua experiência seja pensada também enquanto experiência de luta e de conflito.

O momento é oportuno para fazer referências, entre tantas conversas já realizadas, aos “pescadores do rio Paraná”, os, “senhores desse rio”, que contam suas histórias trazendo à luz a “arte de pescar”, um mundo de viveres que nem nos dávamos conta de existir, fazendo nos desenvolver nesse caminho, certas sensibilidades para perceber uma pluralidade de expectativas, de temores, de angústias, de tradições de trabalho, de contornos às normas impostas, de um mundo construído entre sonhos, realizações e incertezas, que se expressam muitas vezes como perdas, mas também, como elementos de uma dinâmica que se constitui de resistência e de luta.

Para os guairenses a paisagem e sons são componentes que marcam toda uma vida e não está ali simplesmente por estar, mas compõem a memória e ainda existe por ser parte da experiência vivida por esses sujeitos. Nesse caso, a paisagem é um lugar onde as gerações registram suas histórias e experiências.

Expressando-se numa linguagem carregada de emoção e rica em detalhes, que a escrita muitas vezes não dá conta, seu Joaquim Coutinho, 73 anos, mostra-se orgulhoso em reconstruir a paisagem e descrever Sete Quedas:

“(…) A água caía com uma força embaixo e elas subia muito mais alto do que aquele poste ali. Ela subia aquela cerração pra cima e chovia em cima do mato. Tinha mato pra lado de lá, sabe? Mato grande (...) Nós atravessava aquele mato grande assim. Nos atravessava aquele mato caminhava (...) por terra e saia notro mato (...) Era Sete Saltos que tinha nas Quedas, por isso que ela chamava Sete Quedas. Era bonito. Tinha um mato. Ninguém enxergava as Quedas não! Só nas bocas do canal, assim daqueles saltos, é

que o mato era separado. (...) a água subia aquela cerração pra cima o dia inteiro. Na largura do rio interim, era aquela neblina, aquela fumaça branca, e o sol batiam fazia aqueles arco-íris. Era muito bonito, viu? Coisa linda! Então a maior riqueza de Guaíra do Paraná inteiro, era a Sete Quedas. Perdeu as Quedas, pronto acabou Guaíra (...)"⁸

Aqui, cada aspecto, são minuciosamente colocados no lugar. É preciso ressignificar, através das lembranças momentos e lugares “passados”. Juntar as experiências, o vivido, e esses espaços reforça nesses sujeitos o pertencimento ao grupo. Então, nem o espaço nem o tempo passado estão perdidos, uma vez que a memória cumpre a função de buscá-los e reencontrá-los.

No percurso das narrativas de moradores por nós entrevistados, como já evidenciamos os depoimentos não só corroboram outras memórias como outras histórias, reavendo os sujeitos como agentes históricos que se construíram no embate das forças sociais presente na realidade brasileira a partir dos anos de 1970. Assim ao reelaborarem, no presente, a memória sobre o vivido, a trajetória passada não pode ser esquecida, fazendo com que os anos da construção da usina de Itaipu, passem a ter outros significados, que não o do “país que vai pra frente”, como insinuava ser um dos tantos slogans utilizado pelos militares.

Enquanto campo de nossa reflexão e diálogo, a memória nos aponta a importância de reavivar lembranças e narrativas de sujeitos excluídos e dissidentes e nesse percurso leva-nos a pensar em nossa função como aquele que também vive a história, e nesse sentido, busca uma perspectiva e uma narrativa histórica, que não se quer como única, mas como aquela que possibilita recuperar momentos e lugares da experiência social e seus sujeitos, para compreendê-los em sua dinâmica social mais ampla.

Nessa direção, podemos afirmar mesmo provisoriamente que a memória dos sujeitos que presenciaram o momento da construção da Usina de Itaipu e a formação do seu reservatório, é expressão de resistência na experiência cotidiana desse grupo. A

manutenção da memória, o ato de narrá-las permitem a estes que transmitam e ao mesmo tempo, preservem, reelaborem e resignifiquem suas histórias de vida e a história do lugar.

Ao recompor a memória não só recuperam como também realimentam suas experiências e presença na história, e desta forma, vão reconstruindo marcas que não se apagaram porque envoltas de significados e sentimentos que estimulam a prosseguir na “luta” pelo direito a fala, a outras histórias e memórias que embora represadas, resistem.

¹ Mestranda em História pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá; Doutora em História Social pela USP.

² FICO Carlos. *Reinventando otimismo: Ditadura Militar, Propaganda e imaginário social no Brasil*. RJ; Fundação Getúlio Vargas, 1997. P. 107

³ Disponível em site: <http://www.itaipu.gov.br>

⁴ RIBEIRO, Ronaldo. O lago da Memória. *Os Caminhos da Terra*. São Paulo: Ed. Azul, outubro 1997,62.

⁵ GASPARIM, Edenéia M. et. Al. Itaipu e as Sete Quedas – responsabilidade de poucos a espera do julgamento de muito. Curitiba: 1980, p.34.

⁶ THOMPSON E. P. *A miséria da teoria e um planetário de erros*. Rio de Janeiro, Zahar, 1991, p.51 .

⁷ Ver THOMPSON, E.P. *A formação da classe operaria inglesa. A arvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁸ Depoimento de Joaquim Acácio Simão. Guaira-Paraná. Agosto de 1999. 90 m.